

Língua, Literatura e Ensino, Dezembro/2017 – Vol. XIV

O DIA EM QUE O MORRO DESCER...: A LITERATURA MARGINAL COMO RAMPA DE ACESSO- DAS PERIFERIAS ÀS UNIVERSIDADES

Leonardo José dos SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

RESUMO: Este trabalho tem origem em leituras sobre algumas concepções de interpretação que buscam entender as articulações entre autor, leitor e texto e as formas como nesses encontros se constroem realidades e ficções. Entre múltiplas possibilidades de interpretação de diferentes linguagens (contos, animações, pinturas, poemas, canções...), proponho-me a refletir sobre o lugar da Literatura Marginal, pensando-a como forma de resistência e de combate à exclusão social. Assim, escuto o samba *O dia em que o morro descer...* com a escrita de um conto que faz eco à canção, trazendo, além das vozes de autores que circulam nesse espaço, as personagens que vivem o cotidiano de uma comunidade periférica.

Palavras-chave: Interpretação; Literatura Marginal; Periferia; Literatura Periférica.

INTRODUÇÃO

Considerando múltiplas práticas linguísticas e diferentes formas de conceber linguagem e interpretação, este trabalho toma como base: produções e entrevistas de autores como Paulo Lins (1997; 2016) e Sérgio Vaz (2014), que se inscrevem em um grupo autodenominado *literatura marginal*, e de pessoas que lidam diariamente com a sobrevivência – reflexões que se desviam ou mesmo vão na contramão das concepções hegemônicas de linguagem e interpretação, e mesmo de texto; o samba *O dia em que o morro descer e não for carnaval*, de Wilson das Neves e Paulo César Pinheiro, além de outros estudos sobre marginalidades presentes nos trabalhos de Ferréz (2005), Nascimento (2009) e Spivak (2010). O objetivo deste estudo é mostrar que o morro está se servindo da literatura marginal como uma rampa para "descer" o morro da periferia; uma maneira de aproximar-se dos grandes centros, de circular livremente no espaço urbano, de forçar seus limites.

A primeira parte, composta por uma breve análise da literatura marginal e de sua ascensão, mais particularmente a partir das experiências de Paulo Lins e Sérgio Vaz, considera o impacto que a arte provoca na vida das pessoas que entram em contato com esses autores, principalmente com Sérgio Vaz. O resultado dessa primeira análise levou à conclusão de que a falta de acesso aos direitos sociais de qualidade dificulta o desenvolvimento de muitos cidadãos que poderiam ser vistos como excepcionais e dificulta também o desenvolvimento das próprias comunidades periféricas. Contudo, tais

dificuldades não os impedem de pensar sobre as questões que os cercam e, a despeito dos muitos obstáculos e preconceitos, conseguem emergir com um trabalho de qualidade, mostrando preparo intelectual e pensamento crítico, além de desenvolver uma arte que se transforma a cada geração; e cada nova forma que essa arte toma, cada forma como se reinventa, se espalha pelos grandes centros urbanos.

O fator mais significativo que fomentou esta discussão foi o olhar atento para um grande número de garotos da periferia que fazem o bom uso da linguagem – da linguagem que é a deles – para se expressarem, o que mostra um pensamento crítico com total lucidez e a/proprio para promover uma ascensão intelectual de outra ordem, tanto quanto a boa linguagem padrão favorece a muitos garotos o acesso à chamada cultura de elite e aos direitos sociais de qualidade – o mais significativo deles (o mais visível) sendo a entrada em uma universidade pública. Em suas obras, esses jovens da periferia expressam muito da realidade e do sofrimento cotidiano das comunidades e muitas vezes descrevem as formas de repressão que os mantêm excluídos socialmente. Aos poucos, essas obras ganham espaço, “descem o morro” e entram nas academias, fato esse que vem acontecendo com Ferréz (2005), por exemplo.

Passemos agora à segunda parte deste trabalho: uma interpretação da música de Wilson das Neves e Paulo César Pinheiro. Essa interpretação se faz como um conto. Mais precisamente, ela é o conto “O Dia em que o Morro Descer...” de Léo Memphis. A leitura desse conto se oferece como abertura a um diálogo com os leitores – da canção e do conto – e com outras leituras .

1. DA PERIFERIA AO CENTRO

A cultura marginal periférica há décadas é utilizada como um modo de resistência das chamadas minorias, especificamente das “minorias” que vivem, quase que em sua maioria, nas favelas. É utilizada como um modo das pessoas marginalizadas se mostrarem vivas e expressarem suas dores e revoltas contra um sistema excludente. E, nessa ânsia de expressão, as pessoas, vindas de diversos cantos do país, carregando culturas distintas, trazendo diferentes sentimentos e conhecimentos típicos de suas regiões, somaram e ainda somam e imprimem diversas facetas à cultura marginal periférica. Essa, por sua vez, alimentando-se de tão distintas vozes e cores, ganha cada vez mais corpo e se expande tanto que ultrapassa as barreiras criadas pelo sistema, alcançando assim os grandes centros urbanos e ocupando espaços que antes eram ocupados apenas pela chamada cultura de elite – primeiro com a capoeira e o samba, depois com o *Rap* e o *Funk*, e assim a Literatura Marginal ganha cada vez mais força e espaço nos grandes centros, desde o

final do século passado, mais exemplarmente após o lançamento do livro *Cidade de Deus* (1997) do Paulo Lins.

Com caráter militante no que diz respeito à exclusão social, autores da Literatura Marginal buscam promover o acesso à cultura, especificamente à literatura, por meio de saraus que incentivam os moradores da periferia a escrever e a ler seus escritos, quase sempre poemas; por meio de publicações independentes com editoras como a Selo Povo, por exemplo, que é um selo da periferia para a periferia e, por fim, por meio de palestras em escolas públicas, com o objetivo de mostrar aos adolescentes que, apesar das condições precárias em que sobrevivem, apesar do preconceito e do racismo, eles podem ter uma chance de viver com um mínimo de dignidade se recorrerem ao que conhecem e aprendem a reconhecer como *cultura*. Esse último ponto, no entanto, é um dos principais problemas abordados pela Literatura Marginal, afinal, desde o início, ainda no século XVIII, quando a cultura afro-brasileira estava apenas começando a se desenvolver, os negros já eram reprimidos. O negro e a cultura negra sempre foram reprimidos no Brasil, e hoje não é diferente. Porém, hoje a periferia é maior. Hoje a periferia tem mais força, mesmo sendo tratada como inimiga, como afirma Paulo Lins:

A cultura negra é uma coisa tão grande. Nós estamos em guerra. É a guerra da cultura negra contra a cultura branca. Sempre foi assim. As grandes guerras no mundo são culturais. A guerra dos judeus contra os muçulmanos é uma guerra cultural. No Brasil não é diferente. Você vê que o número de negros mortos no Brasil é muito grande. A polícia do Brasil extermina jovem negro. Então, a cara da cultura negra, hoje, é a cara dos assassinatos, como sempre foi. A cultura negra é a inimiga e estão tentando exterminá-la. Os negros são injustiçados, são mortos, sofrem crimes por uma questão cultural racial e a polícia, no Brasil, está a favor da elite branca. (LINS, 2017)¹

Por isso a periferia grafita, canta, escreve e grita: “Periferia vive!”. Não apenas o *Rap* ou o *Hip Hop*, mas a Literatura Marginal Periférica é também um movimento “[...] contra-hegemônico que tem um objetivo político e acredita poder usar a cultura como arma para mudar a realidade social de uma comunidade historicamente marginalizada” (EBLE, citado por EBLE e LAMAR, 2015, p. 195). As pessoas que vivem em comunidades periféricas têm sede de cultura, de lazer e de educação. Estas pessoas têm sede de viver de forma igualitária, com as mesmas oportunidades da elite, então saem em direção aos centros a fim de forçar os limites para alcançar seus direitos sociais básicos e circular livremente nos espaços urbanos. Em entrevista ao blog Literatura Marginal de 2014, o poeta Sérgio Vaz deixa bem clara esta afirmação:

Nos anos 1990, pela primeira vez, saí da periferia. Fui ao bairro do Bixiga [bairro boêmio da região central de São Paulo]. Barzinhos com música, rua cheia de gente na calçada, uns tocam violão,

1. Disponível em <http://www.revistarevestres.com.br/reves/brasil/meu-nome-e-paulo-lins-2/> Acesso em 06/06/2017.

outros tomam vinho. Parece o povoado mágico de Macondo, de Gabriel García Márquez. Um mundo bem diferente do meu! Como no conto O cobrador, de Rubem Fonseca, pensei: “Vocês me devem cultura”. Foi assim que a minha sede de cultura aumentou. Onde saciar a minha sede? Sair da periferia, ir até o Centro para assistir a uma peça de teatro, ver um filme. E como fica quem vive na periferia? (VAZ,2014).²

Na busca por saciar essa sede, a periferia começa a sair da periferia em direção aos grandes centros urbanos e levam sua cultura, seus saberes e sua linguagem. Ganham espaço em meios elitizados e passam a ter porta vozes não apenas saídos das comunidades, mas, também, de fora da periferia. Ainda assim não deixam de ser discriminados. Sofrem preconceito pelo jeito de falar, pelas roupas e pela cor – mesmo que sejam pessoas de famílias bem estruturadas e bem resolvidas profissionalmente, sofrem por serem pobres, favelados. Um bom exemplo, tanto de um porta voz externo à periferia quanto da discriminação que os chamados marginais sofrem, é o Chico Buarque e sua nova música, *Caravanas*³. Ao compor *Caravanas*, Chico torna-se automaticamente um denunciante da discriminação do negro favelado. A letra evidencia, em pleno 2017, a persistência de comportamentos muito parecidos com os que existiam há 100 anos e que promovem a manutenção do muro responsável pela exclusão social:

Com negros torsos nus deixam em polvorosa
A gente ordeira e virtuosa que apela
Pra polícia despachar de volta
O populacho pra favela
Ou pra Benguela, ou pra Guiné
(Chico Buarque, 2017)

Sabe-se que o interesse da elite é manter a periferia na periferia. Afinal, possibilitar que pessoas de comunidades periféricas tenham acesso ao mesmo conhecimento da classe dominante é dar ainda mais munção para as lutas contra a exclusão social; é possibilitar que o morro desça cada vez mais e usufrua dos espaços cercados, elitizados e, ao mesmo tempo, é promover um enfraquecimento das estruturas nas marcas deixadas pela escravidão. Longe disso acontecer! Ouvi certa vez um garoto negro de periferia, que fora barrado na entrada do shopping, dizer que “os playboy quer distância de marginal preto. Se tem muito preto e pobre conseguindo comprar passagem de avião, tem subir ainda mais o nível para manter eles longe e, por isso, colocam uma *primeira classe* no avião”. Isso acontece não apenas com passagens aéreas, mas em todos os âmbitos sociais.

Se considerarmos que as cidades brasileiras mais aclamadas por serem pontos turísticos (e que, atualmente, ainda são as que mais recebem turistas estrangeiros) são

2. Disponível em <http://literaturaperiferia.blogspot.com.br/2014/10/?m=0> Acesso em 06/06/2017.

3. Letra e música disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=6TtjniGQqAc> Acesso em 10/10/2017.

também as cidades que mais recebiam escravos antes da abolição (e, por conta disso, são cidades com populações periféricas gigantescas que não apenas resistem mas crescem a cada ano); se considerarmos as condições de subsistência e as diversas faces da repressão e da segregação social e de cor às quais esse povo é submetido diariamente, fica fácil imaginar uma rebelião social partindo dessas comunidades a qualquer momento. Talvez seja esse o material que serviu à criatividade de Wilson das Neves e de Paulo César Pinheiro ao comporem *O dia em que o morro descer e não for carnaval* – música que também serviu de apoio e inspiração para o conto “O dia em que o morro descer...”, de Léo Memphis.

De fato, a periferia se rebelou e desceu em direção ao centro, porém, utilizando a literatura como rampa, seus saberes como arma e suas experiências de vida como escudo para forçar os limites impostos pelo sistema excludente. Hoje a periferia já não depende dos grandes centros ou das elites para viver ou aparecer, pelo contrário, ela tem vida própria. As comunidades produzem muita cultura, as comunidades divulgam essa cultura, vendem, se auto sustentam e se desenvolvem. Desenvolvem tanto que os centros começam a diminuir, e então se apropriam da cultura periférica para se manterem vivos nas grandes mídias, por meio de filmes e novelas que mostram uma pequena parcela das favelas, mesmo que só interessados no aumento da audiência. Enquanto o centro se readapta, a Literatura Marginal, sempre produzida pelas minorias que conhece os sentimentos e a vida da periferia, continua militando/lutando para diminuir o abismo entre as classes e as ferramentas de resistência continuam a servir de armas e escudos contra a repressão. Assim se constrói sua identidade.

A literatura marginal (...) é produzida pelas minorias e apresenta temas periféricos. O adjetivo marginal incorporado à literatura remete a sujeitos marginais e a espaços marginais. Os escritores marginais dessa nova geração não buscam a marginalidade na reprodução de suas obras como meio de divulgação. A apropriação do “marginal” se dá pelas questões sociais retratadas nas obras, pelo ambiente periférico e pela própria condição dos escritores que estão à margem da elite literária e, até mesmo, pela subversão ao cânone literário. (EBLE e LAMAR, 2015, p. 197)

A Literatura Marginal tem muito o que falar e, ao mesmo tempo, tem mecanismos para isso, sempre com o propósito de lutar contra a exclusão social e mostrar ao povo da periferia que todos possuem – ou deviam possuir – os mesmos direitos que a elite. Esse povo, mesmo em sua maioria descendentes da escravidão, e que sofre com a “ditadura do mercado” com trabalhos análogos aos da escravidão para a sobrevivência da família, ainda tem forças para lutar: começou a enxergar a potência de transformação da arte e a resistir cada vez mais. O sarau da Cooperifa, promovido pelo poeta Sérgio Vaz, é um grande símbolos desta resistência do século XX. Um meio de convívio cultural onde o número de pessoas que têm acesso à literatura por meio do sarau aumenta semanalmente e passam a usufruir cada vez mais das práticas de hoje nomeadas de “letramento”. Muitas

pessoas mudaram/mudam de vida, voltam a estudar e algumas conseguem vagas em grandes universidades, graças a iniciativa de Vaz.

Houve (e ainda há) uma sequência de outros saraus inspirados pela Cooperifa, alguns ligados a cursinhos populares, a fim de proporcionar aos jovens não apenas o acesso às diversas literaturas, mas a chance de estudar para concorrer a uma vaga em universidades ou em cursinhos técnicos, dando oportunidades que, antes do contato com o movimento, muitos acreditavam ser inalcançáveis⁴. A ascensão da Literatura Marginal nas mídias, como ocorreu com Cidade de Deus, é um outro símbolo de resistência. Sem falar no Ferréz, que ganha cada vez mais espaço nas redes sociais. Assim, de maneira sutil (ou não), os morros descem e tomam o que é seu por direito, ainda que apenas figurativamente. Ocupam os grandes centros e as academias e somam-se a alguns intelectuais que cumprem seu papel que, segundo Spivak (2010, p. 26-27), é tentar revelar e conhecer o discurso do Outro da Sociedade, para ampliar sua esfera de atuação.

Mesmo sem firmar, de forma concreta, um levante como o descrito na música *O dia em que o morro descer e não for carnaval*, os símbolos de resistência mostram a força que a favela ainda tem para se reafirmar, lutar e mostrar que, a partir dessa força, é possível buscar uma mudança para que haja uma sociedade plural. Esse é o papel da “literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional” (FERRÉZ, citado por EBLE e LAMAR, 2015, p. 203) com sua linguagem coloquial e conhecimento misto das culturas que penetra aos poucos os grandes centros e ganha espaço nas academias. Contudo, mesmo que a Literatura Marginal seja estudada nas universidades – como aqui acontece –, isso não basta para que seu papel seja inteiramente cumprido. É preciso que haja pessoas de comunidades periféricas dentro das academias e que essas pessoas também publiquem seus textos. Afinal, ninguém melhor para produzir Literatura Marginal que quem sabe o que é ser marginalizado, como diz Sérgio Vaz:

A literatura grega é feita pelos gregos, a literatura negra é feita pelos negros, a literatura da periferia é feita pelas pessoas da periferia. Ela traz em si a dor, a pobreza, a violência, a violência policial, a falta de saúde, a brutalidade, a criminalidade. No texto, você escuta o estampido do tiro que mata o jovem, você vê o sangue derramado. Temos a responsabilidade de traduzir o que se passa por aqui. Não é melhor por isso. Só representa a comunidade. Quando fazemos nossa literatura, somos protagonistas, podamos o atravessador. É a nossa vez. É a caça que conta a história. Quando as pessoas leem um livro, meu ou de outro autor da periferia, elas se identificam, sentem-se representadas. (VAZ, 2014)

Nota-se assim que a periferia só pode ser liberta das grades da exclusão pela própria periferia. Por isso a periferia também deve estar nas academias. Por isso Vaz escreve

4. Cito a mim mesmo como um exemplo desses casos.

Manifesto da Antropofagia Periférica e faz questão de dizer que “a arte que liberta não pode vir das mãos que escravizam”:

Manifesto da Antropofagia Periférica

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula. Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.

Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, quer substituir os barracos de madeiras. Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas. A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala. Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles ? “Me ame pra nós!”. Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário. Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada. A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

(Sérgio Vaz, 2007)

Acredito fielmente que é possível a queda do muro responsável pela exclusão social, por meio de uma luta intelectual e da Literatura Marginal a partir da ação de pessoas marginalizadas. Na minha concepção, essa é a melhor maneira de o morro descer atualmente.

A inserção da Literatura Marginal nas academias faz parte de um levante intelectual que acontece lentamente e que precisa ser acentuado; acredito também que minha militância pode contribuir com esse movimento. Após realizar um trabalho de interpretação da música considerando também minhas experiências pessoais e sociais escrevendo o conto “O dia em que o morro descer...”, percebi uma maneira de colaborar com este processo, integrando a Literatura Marginal em uma publicação acadêmica, mostrando ao mesmo tempo que o mínimo de acesso aos direitos sociais de qualidade pode colocar mesmo o mais marginalizado junto à elite, e que o pobre não quer apenas ter acesso à cultura literária pela via do consumo, mas também produzindo-a.

Para melhor entender a relação entre o conto “O dia em que o morro descer...” e a música de Wilson das Neves e Paulo César Pinheiro, é indispensável conhecer a canção e suas alegorias tão concretas – em especial a estrofe que finaliza o samba afirmando a autonomia desse morro e seu poder de revolucionar tão temido “pela gente ordeira e virtuosa”.

1.1 O dia em que o morro descer e não for carnaval⁵

O dia em que o morro descer e não for carnaval ninguém vai ficar pra assistir o desfile final
na entrada rajada de fogos pra quem nunca viu vai ser de escopeta, metralha, granada e fuzil
(é a guerra civil)

No dia em que o morro descer e não for carnaval
Não vai nem dar tempo de ter o ensaio geral e cada uma ala da escola será uma quadrilha a
evolução já vai ser de guerrilha
e a alegoria um tremendo arsenal o tema do enredo vai ser a cidade partida no dia em que o couro
comer na avenida se o morro descer e não for carnaval

O povo virá de cortiço, alagado e favela mostrando a miséria sobre a passarela sem a fantasia que
sai no jornal
vai ser uma única escola, uma só bateria quem vai ser jurado? Ninguém gostaria que desfile assim
não vai ter nada igual

Não tem órgão oficial, nem governo, nem
Liga
nem autoridade que compre essa briga ninguém sabe a força desse pessoal
melhor é o Poder devolver à esse povo a alegria
senão todo mundo vai sambar no dia
em que o morro descer e não for carnaval.

5. Letra e música disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=qNknjPo72ss> Acesso em 10/10/2017

2. O DIA EM QUE O MORRO DESCER...

Léo Memphis

Fala aí Zé! Tranquilo? Suave, Tião e aí?
De boa também.
E aí, vai querer o quê?
Desce aquele conhaque maroto pra mim.

Um copo vazio é colocado sobre o balcão de madeira. Seu Zé pega a garrafa de Dreher e capricha na dose para um de seus melhores freguês. Tião senta na banquetta de madeira, apoia o braço esquerdo no balcão e cruza as pernas com seu jeans gasto e o sapato bico de ferro, coberto de cimento do trabalho. Seu Zé fixa os olhos na camisa de Tião, com o símbolo de uma empreiteira, enquanto serve uma pequena dose de Vila Velha para si.

Tá chegando do trampo agora, cara?
Pior que tô, viu Zé! Fiz umas hora extra hoje pra ver se as coisas dão uma melhorada. Tá certo. Mesmo porque o carnaval tá aí, já.

Pois é. Cidinha tá arrumando as coisas faz tempo já. Mas esse ano não vai dar pra fazer muito não.

Até entendo viu, Tião. A coisa tá feia mesmo!

Tião toma um gole do conhaque, olha para a rua, pensativo, com seu olhar cansado dos cinquenta pesados anos. Conclui que o movimento está forte hoje. Sexta-feira é sempre isso. Para um carro, o garoto preto, sem camisa, de chinelo e bermuda vai até o motorista, pega o dinheiro e entra na viela. Enquanto isso o carro sai. Provavelmente vai dar uma volta no quarteirão. O garoto volta, o carro para, o garoto vai novamente até a janela do motorista e entrega alguma coisa. O carro sai.

Pra molecada ali o negócio não tem crise não, hein Zé?

Ah, Capaz! HAHHAHA! Essa molecada não para não rapaz!

O garoto atravessa a rua como se estivesse sambando, cantando um funk em voz alta, e pisca para uma mulata que desce as escadas do salão da Cida, localizado em cima do Bar do Seu Zé. O garoto entra animado no boteco.

E aí Seu Zé, irmão? Desce aquela gelada manêra pá nois! É pra já, Dudu!

E aí, Tião! Firmeza, mano? Suave, Dudu e aí?

De boa, né mano?! Só nos corre! ... E aí? Segundona é nois, né não? É dia de descê pra avenida, sambar a semana toda e chapar o globo!

Opa! Pode crê! Só não sei se vai dar pra chapar o globo nesse perrengue que nois anda, né? HAHA!

Vish, cara! Esquenta com isso não. Dinheiro não é problema. Cola na minha, você e sua mina já tão com o rolê feito. E o senhor também hein Seu Zé! O negócio é a quebrada toda curtir o carnaval. Nois é tudo irmão aqui e essa é a única época do ano que a quebrada existe, mano.

Pode crê, Dudu! Tá certo...

Aí, negada, vou nessa que tenho que tramar ali, mas tô falando sério. Cola na nossa, semana que vem, vamo sair no bonde pra avenida. Tamo junto! E valew pela ceva Seu Zé!

Vai lá, Dudu. Na paz!

Dudu volta para o outro lado da rua no mesmo ritmo que foi para o boteco. Talvez já esteja no clima do carnaval.

É, Zé! Molecada tá animada.

Ganhando dinheiro igual eles tão ganhando aí, até eu fico animado assim, Tião. Desce outra dose pra mim e uma latinha daquela que o Dudu levou, Zé. Por favor.

Seu Zé pega a lata de cerveja na geladeira, coloca no balcão e serve outra dose de conhaque para Tião e outra de Vila Velha para si. Então senta na banquetta do caixa com seu corpo velho, magro e enrugado, e suas roupas rotas, usando um chinelo tão gasto que a correia deve estar presa com um prego por baixo. Aproxima o copo dos lábios, olha para Tião como se fosse dizer algo, mas não. Ele bebe a pinga toda em um só gole e coloca o copo vazio sobre o balcão.

Esses dias o Dudu tava aqui me falando que ele chega pegar quinhentos conto só numa sexta igual hoje, Tião! Sexta-cheira, como eles chamam, pode?

É complicado, Zé! Eu tenho é medo do meu moleque se engraçar pra essas bandas. Muito dinheiro... vida boa. Têm tudo na mão! Bem diferente da vida que dou pra ele. Mas em compensação, pra rodar é um pulo. Sei não, viu Zé. Tenho medo!

Seu moleque é esperto, Tião. Fica tranquilo.

Pode crê, né? Vou nessa! Vou tomar um banho e jantar que Cidinha deve tá esperando já. Valeu, Zé!

Vai lá Tião. Até mais.

*

Segunda-feira já amanhece nos 32 graus. A kombi branca estaciona na frente do barraco de Tião e Dudu abre a porta lateral de uma vez, gritando animado junto com Tico, Éder, Perifa e Alan.

E aí Tião, bora? Eu falei que a gente ia descer no bonde, pô! Vish, cara! Fechô! Guenta dois minutin que tamo indo.

Tião corre, apressa Cidinha e Murilo, seu filho, que já estão quase prontos para descerem. Pensaram que iam sozinhos e a pé, agora estão animados com a carona.

Vem logo, mano. Tamo esperando. Falei pro cê, mano! Falei que cê ia com nois, cê não acreditou, pô!

Foi mal, cara. Achei que era caô mesmo! Mas já era, tamo pronto. Vamo nessa!

Os moleque ligou nois falando que tá tendo bloco no Largo dos Leões e que tá o céu na terra mano, é pra lá que nois vai primeiro, porque o negócio tá bom demais lá. Demorô?

Demorô, mano, cê que manda!

E aí, Cidinha? E aí Murilão? Cês tão de boa, mano? Tamo sim Dudu.

Responde Cidinha.

Olha, tem um galão de água lá atrás. O negócio hoje é pra chapar e nosso lema é “quem não aguenta bebe água”, tá ligado? HAHAHA! Zuera, zuera! Mas é isso aí, cês já tão ligado do galão, se quiser é só pegar.

A kombi branca desce pelas ruas da comunidade. Há pessoas gargalhando e dançando. Há caixas de som nos volumes mais estridentes e a paz parece invadir a favela, enquanto todos compartilham da mesma alegria. É feriado. É Carnaval. É o viver. E, uma massa de gente desce o morro, enquanto a bola rola nos pés de algumas crianças e o suor escorre das costas nuas aos pés descalços, em um escasso lazer. Na rua, todos estão felizes apesar da pobreza. Na kombi, todos estão felizes apesar da falsa riqueza.

Olha aí, Cidinha. Atrás de você tem umas quatro caixas de isopor com ceva. Tem Vodka e Whisky também. Vê aí o que você quer tomar e fica à vontade. Pode pegar pra você e pro Tião que é tudo nosso. Só ali, perto da janela, que tem refri. Aquela lá é só refri que nois trouxe procê, Murilão. Pode pá que é nois, moleque.

Beleza. Valeu negada!

Responde Tião, enquanto pega uma lata de cerveja das mãos de Cidinha.

Sabe o que eu curto em vocês, negada? Cês tão aí no comando do morro, mas sempre na humildade, ajudando a gente que se mata de trabalhar e tá sempre no perrengue. Cês tão ligado que o negócio é louco.

É isso aí, Tião. Nois tá ligado que o negócio é louco, mano. Por isso nois tem que correr junto, mano. Seu Zé também era pra tá aqui, mas ele disse que só vai descer amanhã.

Então mano! É isso, cês são humilde. Cês não chegam tocando o terror pra cima da comunidade, nem nada assim. Cês são mais ou menos no rolê que meu vô falou uma vez.

Que rolê é esse aí, Tião?

Vish, mano. Meu vô falava umas parada assim louca. Ele falava que a galera do morro é que tem o poder, mas só não tem consciência que tem tanto poder e que as coisas só iam mudar pra nois, que somos do povo mesmo, no dia em que o morro descer... e não for carnaval. Mesmo porque cês fazem a comunidade funcionar bem, mano.

E aí, Tião! E não é que é verdade esse rolê? A galera não tá nem ligada da força que tem, mano! Se nois colar em peso nos playba, ninguém segura mano.

Pois é, cara! Desde que meu vô falou isso, eu fico viajando nessas ideias. O foda é que só vejo esses rolê. Tipo, a galera que manda na quebrada querendo ser igual os playba e fica nessas treta toda, enquanto os playba manda no país e os trabalhado aqui se fodendo o tempo todo.

Mas vai falar que cê também não quer fazer uns rolê dahora igual dos playba, Tião?! Vestir uns pano bom, comer uns rango dahora e tals.

Claro que quero, mano! Todo mundo quer. Mas não quero ir pro crime pra isso mano. Imagina que louco se todo mundo pudesse ser igual sem tá no rolê errado?

Pode crê mano! Nois podia começar esquematizar esses corre aí, falar com os cara de outras quebrada e descer todo mundo pra gente mudar essa porra toda, mano! Aí melhora pra todo mundo e os playba para de jogá B.O pra nois. Aí nois pode ir pra praia de boa, fala aí?!

É isso aí mano. É disso que tô falando.

Cara. Vou agilizar esses corre logo depois do carnaval!

Mas cê acha que rola, Dudu? Isso é só umas parada que meu vô falava.

Ah, mano, sai dessa! Claro que rola. Eu nunca parei pra pensar nisso, mas é verdade. Olha o poder que nois têm! Todo mundo tem medo de nois, onde quer que nois vai! Não sei por que não pensei nisso antes! A gente vai na praia em meio gato pingado e os playba já fica em choque. Imagina se desce o bonde?

É foda mesmo! O problema é que nois fica mais preocupado em ter o que eles têm do que em mudar o rolê todo, mano.

Disse Murilo, pra fechar a conversa. Então todos tomam um gole de cerveja, pensativos, menos Murilo, que apenas olha pela janela.

O silêncio toma conta da Kombi por dois minutos, enquanto todos bebem. Chegam ao Largo dos Leões.

Nossa mano! O rolê tá lotado. Temos que achar um buraco pra estacionar.

Disse Éder, que está dirigindo. Enquanto o Bloco Bicho Solto soa ao longe e Natiruts Reggae

Power toca em ritmo de Axé.

*

Em casa Seu Zé assiste ao desfile das escolas de samba na TV. Na rua o povo pula, dança, samba, canta. Ainda é carnaval, mas lá, em meio à festa, na mente de Dudu o que se passa é a contradição do carnaval, é a mudança, é o que o avô de Tião falou, é a miséria da comunidade, é o álcool gerando ódio contra os ricos, é a dor e o vazio do peito e as lembranças da infância. “Não devia ser assim, mano! Pobre só consegue alguma coisa se entrar para o crime?” Então Dudu tira um pino azul do bolso, abre lentamente, com um olhar de ódio, senta na escada da igreja, tira a carteira do bolso, derrama o pó branco sobre as costas da carteira, divide aquele pequeno morro em duas carreiras com um cartão, enrola uma nota de cinquenta, coloca o tubo no nariz e inspira uma. Inspira outra. Enfia a mão no bolso, tira um maço de cigarros, pega um cigarro, passa o filtro sobre os vestígios de pó que restaram sobre a carteira, leva o cigarro à boca, acende e sabe que a vida é dele. Então guarda tudo que está fora dos bolsos, toma de uma só vez toda a cerveja da lata que está ao seu lado e caminha em direção à multidão.

E aí Dudu! Têm um pó aí mano? O meu acabou!

Perguntou Alan.

Tá tendo, mano! Pega!

Mais à frente está Tião levando tapa na cara. É um policial negro, alto e forte quem bate, enquanto seu companheiro de viatura observa, com o cassete nas mãos. Dudu vê aquela cena e caminha, com ódio no olhar, a direção de Tião. Caídos no chão, ao lado da viatura, estão Murilo e Cidinha, aos pés do outro policial.

E aí negão! Tá fazendo o que aí no canto? Tá vendendo bagulho? Cê rodou carai, entra logo na porra do carro que eu paro de dar na sua cara!

Grita o policial para Tião.

E aí Seu polícia? Que que tá rolando? Dudu chega falando.

E aí, neguin? Tu tá pensando que é quem pra chegar acelerando aqui? Sou ninguém, não! Sou o Dudu lá do morro e o tio aí tá comigo.

Tá passando droga né, neguin?

Que passando droga o caralho, porra! Seu Tião é pai de família, tu não tá vendo, não? A mulhé e o filho dele ali, mano! Nois desceu pra curtir o rolê.

Alan, Tico, Éder e Perifa chegam e levantam Cidinha e Murilo. O policial chuta Tião e os moleques gritam, então o policial também grita.

Olha aí! Vaza! Vaza, todos vocês, se eu trombar vocês aqui de novo, vai rodar todo mundo. Dudu discute com o policial.

Tu só faz isso porque nois é pobre e preto. Quero vê tu chegar num playba branquinho e dar esses esculacho! Olha tua cor mano, cê devia correr com nois!

O policial fecha a cara e caminha até a viatura. Pega uma espingarda calibre 12 que estava no banco do carro, aponta para a cabeça de Dudu. O outro policial encosta, apontando, o revólver na cabeça baixa de Tião.

Vai matar mata, mano! Depois cê acerta com o pessoal da quebrada!

Os olhos do policial e de Dudu se encontram e se mantêm fixos um no outro. Olhares raivosos, trêmulos. Os segundos ficam eternos. Uma gota de suor desce pela testa do policial. Dudu está com a boca seca, precisa de uma cerveja. O dedo do policial treme no gatilho. Os dentes de Dudu semicerrados. O policial pisca. Na garganta de Dudu descem vestígios de um gosto amargo. Os olhares continuam fixos. Na rua, uma multidão passa, fantasiada, dançando e cantando, como se nada mais estivesse acontecendo. O olhar de uma criança negra é atraído pela cena. Assustada. Entra na multidão. O olhar de uma criança branca é atraído pela cena. Aponta mostrando ao pai. Continuam a caminhar. Nada acontece. A música toca. O bloco se afasta. O cano gelado encosta na cabeça de Tião. O cano gelado encosta na testa de Dudu. O policial pisca. Treme. Dudu lambe os lábios. Pensa que precisa de um pó. Cidinha e Murilo encaram a todos assustados. Os moleques também. Uma garota para. Branquinha. Assiste à cena. Ninguém a nota. Ela sai espantada. O policial respira fundo. Dudu fecha os olhos. Pede que Jesus o salve. Então o policial abaixa a arma e entra no carro.

Vam embora Waltão. Não compensa sujar as mãos com esses aí, não!

O companheiro entra no carro. Liga a viatura e some na multidão, enquanto Dudu ajuda Tião a levantar e a andar, mancando.

Mano, nois somos os poucos representantes da nossa quebrada aqui, nois precisamos levantar e andar e só agora eu entendi o rolê que seu avô disse. O dinheiro que a gente trabalhadora se mata pra ganhar some no fim do mês e as panela continuam vazias, os playba conhecem tudo, menos a fome, como nois. E ainda somos nois que somos humilhados assim, por esses cuzão! Mas nois somos mais que isso, mano. Nois aguenta o que eles não aguenta. Levanta ai mano, vai!

Dudu sorri aquele sorriso de cocaína e fala sem parar, olhando nos olhos de Tião, que está limpando o sangue do nariz, com os lábios cortados. Cidinha e Murilo olham à volta assustados, com medo da polícia voltar, enquanto os ricos passam bebendo de uma só vez o que Tião ganha em dois meses de trabalho.

Mano...

Diz Dudu, enquanto abre outra lata de cerveja.

Vai por mim. Eu vou dar um ligue nos cara hoje mesmo e vou ver se no máximo em duas semana nois resolve isso. O morro vai descer depois do carnaval e ninguém vai querer ver nosso desfile. No lugar dos fogos vai ser pipoco mesmo, sem ensaio sem nada e todas as facções do rolê vão se juntar formando uma só bateria. Quero ver quem vai ser jurado da porra toda. Sem autoridade nenhuma. Todo mundo vai sambar enquanto a quebrada luta numa união. Aí Tiãozin, tú vai ter dignidade pra tua família. O bagulho vai ser louco e nois vai colocar ordem nessa porra, tu vai ver, Tião!

Vam fazê a revolução, Dudu!

Isso memo, Murilão. O bagulho vai ficar louco!

Tô até imaginando a negada descendo de tudo que é canto, Dudu.

Disse Tião secando o sangue do canto da boca com a ponta do dedo indicador. Limpa o sangue na barra da camiseta e pega uma lata de cerveja.

Agora, Tião, o negócio é curtir. Os cara são vacilão e ficam esculachando nois, mas não vamos deixar isso foder nosso rolê não. Toma um gole de ceva e vamos curtir essa

semana, porque semana que vem nois coloca ordem nessa porra e só vai ter alegria na quebrada, tu vai ver!

Porra, Dudu! Só porque eu sou preto os cara vem me esculachar. Eu só tava aqui, de boa, curtindo o desfile com minha família, pô!

Tô ligado, porra! Eu te conheço, Tião. Por isso eu disse que semana que vem mesmo nois vamos resolver essa porra e vai ser por você e por minha irmã que também trampa igual uma louca pra ganhar porra nenhuma e ficar fazendo vontade de playba folgado. Nois vai resolver isso tudo na semana que vem mesmo. Já até mandei mensagem pros caras de Sampa e de Minas pra já ir agilizando o rolê, porque o lance é nois fazê uma revolução, igual seu moleque disse, e não a gente ficar aqui ganhando com o pó enquanto a quebrada dá mais dinheiro pros playba e apanha dos homi quando vai curtir um rolê.

Pode crê! Fecho Dudu. Nesse rolê eu tô contigo, e aposto que a comunidade também. Aposto que todos vão correr com você! Tamos junto!

Mas agora vamos beber, mano, porque ainda é carnaval!

Tião pega na mão de Cidinha. Murilo está do outro lado da rua tomando uma Fanta na latinha, enquanto as pessoas passam sambando e cantando, fantasiadas. Tião pede um gole da Vodka que Dudu está tomando, enquanto Dudu olha o movimento a sua volta, pensando em fazer outra carreira de pó. Saem todos junto, abraçados e cantando.

*

Dudu senta no ponto de ônibus. Tira a carteira. Pega uma nota de vinte reais. Enrola a nota fazendo um tubo. Derrama todo o pó do pino nas costas da carteira. Faz duas carreiras. Olha para o alto e respira fundo. Já não há mais ódio em seu olhar. Abaixa e inspira a primeira carreira de pó. Toma um gole de cerveja. Acende um cigarro. Inspira a outra carreira. Passa o dedo sobre a carteira e tira os vestígios da droga. Lambe o dedo. Toma outro gole de cerveja e levanta, com um olhar sereno. Olhar de quem espera algo bom... Mas, em segundos, outra sensação toma seu corpo que cai trêmulo. A língua enrola. Uma espuma branca escorre por seu rosto que para com os olhos abertos e o olhar vazio, olhando para o céu. Azul.

REFERÊNCIAS

COLETIVO *Periatividade*. Disponível em <https://perifatividade.com/2017/06/> Acesso em 06/06/2017.

EBLE, T. A.; LAMAR, A.R. (2015). A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 16, n. 27, jul./dez. 2015,

p. 193-212. Disponível em https://docgo.net/the-philosophy-of-money.html?utm_source=eble-lamar-a-literatura-m-arginal-periferica Acesso em 12/06/2017.

FERRÊZ, (2005), *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir.

LINS, P. (2017). Entrevista: Victória Holanda, Revista Revestres. Disponível em <http://www.revistarevestres.com.br/revs/brasil/meu-nome-e-paulo-lins-2/> Acesso em 00/00/2017.

LINS, P. (1997). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.

NASCIMENTO, É. P. (2009). *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

SPIVAK, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. Goulart, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG.

VAZ, S. (2007-2014). Entrevista: Poeta Voz da Periferia, Blog Literatura Periférica. Disponível em <http://literaturaperiferia.blogspot.com.br/2014/10/?m=0> Acesso em 06/06/2017.